

LEITURA: PURO DELEITE, SABOROSA SUBVERSÃO
ENTREVISTA COM LUZIA DE MARIA

VERNAACULUM



LEITURA: PURO DELEITE, SABOROSA SUBVERSÃO

Entrevista com Luzia de Maria

Por Leonardo Barros Medeiros

Vernaculum: De que forma você vê a contribuição da leitura para a formação da identidade?

Penso que o convívio com a escrita, que se dá através da leitura e que deve acontecer, na vida da criança, inicialmente pela audição – os pais ou um familiar, ou mesmo um funcionário de uma creche lendo histórias para ela – deve acontecer desde os primeiros meses de vida. Hoje as pesquisas da neurociência nos ensinam que os bebês têm uma imensa capacidade de aprendizagem e compreensão, que de zero aos três anos essa capacidade é superior a qualquer outro momento da vida do ser humano. Isso se pode constatar observando como qualquer criança com a qual se conversa desde o nascimento demonstra enorme habilidade na aquisição da língua, adquirindo um vocabulário surpreendentemente rico e um domínio da sintaxe, na formulação de frases e construções sintáticas absolutamente admiráveis, em um ou dois anos de vida. Ora, uma criança que, além das palavras dirigidas especialmente a ela, além dos vídeos e DVDs de músicas infantis (Turma do Co-co-ri-có, Palavra Cantada e outros), que além das brincadeiras, também ouve histórias desde os primeiros meses de vida, naturalmente tem muito mais elementos para a construção de sua identidade. E mais, tem muito mais informação de mundo para construir, também, uma compreensão acerca do ser humano, uma compreensão de que ela faz parte de um meio social e que o Outro é igualzinho a ela e deve ser respeitado; uma compreensão de que ela não deve fazer ao Outro o que não gostaria que fizessem a ela. As histórias, em minha opinião e na visão de muitos especialistas no assunto, são ingrediente essencial nesse processo. E, mais, na construção de sua identidade, essa criança constrói também uma segurança, uma autoconfiança, e constrói uma compreensão social, uma identidade própria e uma compreensão do meio em que vive, uma identidade reforçada por valores sociais, valores humanistas, valores absolutamente indispensáveis no século XXI.

“Gosto muito da palavra ‘partilhar’. E, de fato, quando oferecemos a um amigo, a um aluno, a um filho as impressões de encantamento que uma leitura nos causou, estamos conjugando o verbo partilhar: estamos repartindo um pouco de nossas vidas com as pessoas que elegemos. Porque um livro nos define. Alguns grudam em nossa pele e se tornam parte integrante de nosso ser. Volta e meia afloram, invadindo nossos pensamentos, se esgueirando em nossa expressão.”

O Clube do Livro, p. 226.

Vernaculum: Qual o papel do educador para a formação de leitores eficientes?

O papel do educador é extraordinário, seja ele o núcleo familiar ou o professor. O grande problema é que a pouca compreensão acerca do desenvolvimento infantil, por parte da grande maioria dos pais e também de muitos professores, os leva a serem notadamente **econômicos em palavras dirigidas às crianças**. Não conversam com os bebês olhando nos olhos, estimulando-os, desafiando-os. Muitos pais acreditam que o bebê não compreende o que eles falam, então para que falar? – é o que pensam. Ora, mas é ouvindo as palavras, que a criança apreende sua língua materna. Apreende, internaliza e em um ou dois anos a domina. Outros pensam que devem falar uma linguagem “facilitada”, cheia de neologismos bobinhos, isso a que chamamos linguagem tatibitate. Nas creches, como são vários bebês a serem cuidados, muitas vezes são deixados no berço sem qualquer estímulo ou atrativo. Na educação infantil, quase sempre ocorre a mesma economia de palavras: os professores acreditam que a criança não compreende uma história lida, e simplesmente ninguém lê para as crianças. Esquecem-se de que a criança tem apenas, unicamente, a relação com outros humanos para aprender as palavras, os conceitos. Crescidas, ouvimos de muitos professores a reclamação de que o vocabulário das crianças e jovens é muito pobre. Ora, sem histórias ouvidas (alguém lendo para elas) e, depois de alfabetizadas, sem histórias como cardápio de leituras próprias, toda criança terá vocabulário pobre. Justamente por isso é tão essencial, tão indispensável que os professores sejam leitores. E que os professores de hoje eduquem, formando-os leitores, os pais de amanhã, porque é também indispensável que os pais sejam leitores. Lembro-me que ao fazer o antigo Curso Normal, antes dos 18 anos, li uma frase de Claparède, educador francês, que nunca me esqueci e cito de memória: “A educação de uma criança deve começar 30 anos antes de seu nascimento”. Nunca me esqueci, porque em minhas observações sobre pais e filhos, confirmo isso todos os dias, permanentemente (sou a caçula de uma família com oito filhos e, portanto, tenho sobrinhos e sobrinhos netos, e até uma sobrinha bisneta, de variadas idades). A afirmação de Claparède é radicalmente verdadeira. Para constatá-la basta ter uma grande família e ser um atento observador.

“E penso que, em relação a muitos professores batalhadores, espalhados Brasil afora, também é válido acenar com o resgate da esperança. Porque a leitura não significa enriquecimento de visão e uma vida melhor apenas para os estudantes. Ela também enriquece, areja e torna melhor a vida do professor que se torna leitor. Areja suas aulas, repito, e a satisfação decorrente disso faz bem ao seu cérebro, como sabemos.”

O Clube do Livro, p. 173.

Vernaculum: Como tornar-se e formar-se como leitor no mundo das novas tecnologias?

Como você viu pelas minhas respostas anteriores, a conversa com os bebês, as músicas, as histórias e as leituras devem entrar na vida da criança muito antes dos joguinhos e/ou

“Uma neuropedagogia está a caminho: se o cérebro prospera na novidade, o lugar da leitura e da literatura em nossas escolas deve ser no pódio. Dedicando-se durante uma década – inicialmente convivendo com fadas e gnomos, na atmosfera mágica da literatura infantil – e, num crescendo, chegar ao ensino médio em condições de se dedicar à leitura de Machado e de outros grandes escritores, prazerosamente, é certo que uma nova geração estará sendo criada: o cérebro de cada estudante terá sido brindado com novidades e desafios capazes de expandir de forma extraordinária sua capacidade cognitiva.”

O Clube do Livro, p. 325.

outras parafernalias eletrônicas. Acho lamentável ver crianças de dois, três anos sabendo mexer em celulares, em jogos e até mesmo em computadores ou tablets quando ainda não se incorporou, em suas vidas, o gosto pelas palavras, pelas músicas infantis, pelas histórias lidas. Infelizmente isso se dá pela total desinformação dos pais. Pais e mães que não são leitores, ou que mesmo sendo leitores não enxergam de forma crítica sua própria formação, e desconhecem totalmente o que é formar um ser humano, e se sentem vaidosos com o que julgam “precocidade” da criança. Ficam maravilhados pela desenvoltura da criança em dominar tais objetos, porque não têm consciência da capacidade de aprendizagem de zero aos 3 anos e, principalmente, não têm consciência de que outros conhecimentos – muito mais importantes ao ser humano e muito mais importantes, mesmo do ponto de vista econômico, em um mundo globalizado que exige de todos uma compreensão do Outro, do diferente – estão sendo relegados, abandonados, deixados em segundo, terceiro ou nenhum plano. Só verão o prejuízo quando já não houver recurso que mude este quadro. Quando uma criança já aprendeu a amar os livros, as histórias, as descobertas que acontecem a partir deles, as novas tecnologias são um formidável acréscimo ao seu desenvolvimento, e eu tenho a firme convicção de que não trazem nenhum risco, nenhum problema. Mas também acredito que o contrário é verdadeiro e pode ser muito preocupante. E já vemos isso hoje: adolescentes que não são leitores, não têm recursos cognitivos, intelectuais, culturais para usufruir das enormes possibilidades que a internet nos oferece. Usam-na apenas para trocar conversas extremamente pobres e superficiais com os seus pares, e outras vezes para copiar e colar textos para uso escolar, acreditando-se muito espertos na ação de ludibriar professores. Ignoram – pobres crianças, pobres brasileiros – que assim cavam um mais fundo abismo entre eles e aqueles que, sendo leitores, buscam ampliar seus horizontes em páginas impressas, em telas de tablets e nas vias de múltiplas direções do mundo virtual. Antes de alcançar o domínio do que chamamos “revolução da informática”, é indispensável a qualquer pessoa o domínio do que representou a “revolução de Gutenberg”, os prodígios da escrita. Antes de trafegar com desenvoltura pelo mundo virtual, penso ser imprescindível que a criança receba todos os estímulos e recursos para trafegar com segurança pelo universo da cultura letrada.

Vernaculum: Fale um pouco sobre sua formação como leitora.

“E se como a neurociência mostra, os estudos ou treinos mais difíceis ou desafiantes foram o cérebro a formar mais conexões neuronais, expandindo sua capacidade, ler Machado de Assis – cujos textos apresentam algum desafio para o leitor iniciante – não seria uma bela oportunidade de se formar ‘latifúndios neuronais’ na área da linguagem? Lembro apenas que para funcionar, o segredo, o verdadeiro desafio, é alcançar isso de forma altamente motivada, com os estudantes debruçando-se sobre os ‘gênios’ prazerosamente.”

O Clube do Livro, p. 325.

Tive a sorte de ser filha de um homem que, em termos de educação formal, cursou somente até o 3º ou 4º ano escolar. Aliás – é bom dizer – exatamente como Machado de Assis, que não se tem nenhuma comprovação de que nosso genial escritor tenha passado deste nível. Mas, embora tivesse pouco estudo formal, meu pai era leitor. Não era analfabeto funcional, como muitos que hoje ostentam diplomas universitários. Durante toda minha infância e adolescência, vi chegarem a minha casa um jornal diário e uma revista mensal de sua área de atuação, agropecuária. Ele era um homem com uma clara, cristalina consciência do valor e do poder dos livros e do conhecimento. Meu presente de aniversário, aos quinze anos, foi uma máquina de escrever Remington; aos dezoito, uma caneta Parker 51, com meu nome gravado. Eu a guardo até hoje com imenso carinho. Providências dele! Veja que ambos os presentes inserem-se em uma valorização da escrita, da cultura letrada! Ele tinha pouquíssimo estudo, mas nunca se recusou a comprar qualquer livro pedido por mim, tanto os que chegavam pelo correio, como aqueles que comprávamos ao vir a Niterói. Nasci em Natividade, e lá permaneci até os 22 anos, quando me casei. É uma pequena cidade que até hoje não tem nenhuma livraria e nem mesmo uma boa biblioteca. Mas minha fada madrinha prestou um ótimo serviço: aos oito, nove anos, vi sobre uma cristaleira, na casa de minha madrinha, umas lombadas cor de mel com letras douradas, onde se podia ler “Histórias da Carochinha”, “Histórias das Mil e Uma noites”, “Teatro para crianças”, “Poesia para crianças”, etc. Eram 12 volumes substanciais! Pedi um deles emprestado, e ela generosamente negociou: leve dois, quando terminar, trocamos por outros dois. Assim, antes dos dez anos, antes de chegar ao 5º ano escolar, eu li 12 volumes contendo, cada um, mais de 300 páginas e pouquíssimas ilustrações. No 5º ano escolar, comecei a ouvir de meus professores: “Essa menina tem um dom para escrever... vai ser escritora!” Claro que isso é falso: o dom na verdade se chama “prática”, ou melhor, “convívio” com a língua. Porque gostei de ler, me saía bem com as palavras, também comecei a escrever! A cada devolução de dois volumes, eu experimentava uma tristeza e um desejo imenso por aqueles livros! Milagres acontecem: 40 anos depois, fui homenageada na minha cidade natal e, em meu discurso, falei da coleção e de como ela foi providencial em minha vida. Minha madrinha, na ocasião com 84 anos, catou a coleção em casa de um neto e me presenteou, dizendo estas palavras: “Nenhum filho meu leu essa coleção, nenhum neto meu leu essa coleção: você foi a sua única leitora. Por direito, ela é

sua!” Os livros que silenciosamente tanto desejei estão hoje em minha estante de parede inteira, na sala! Em lugar de destaque, porque de vez em quando conto a algum amigo essa bonita história, e mostro os volumes cor de mel. Depois, mesmo naquela pequenina cidade, descobri a biblioteca pessoal da Helena do Buguinho (Rosenburg, o marido), uma parede de romances magistrais. Devorei-os a mais não poder! Passava noites inteiras, inteiras mesmo, debruçada sobre os melhores! Saía do quarto, tomava café e ia para o colégio. Assim como os adolescentes hoje passam os dias enfiados em seus quartos sobre os computadores, eu passava os meus, enfiada em meu quarto sobre os romances. Puro deleite, saborosa subversão! Os livros ampliavam os limites do meu quarto e da minha vida! Foi assim!

Vernaculum: Como a escola pode ajudar a promover a leitura? Como incentivar o gosto e o hábito da leitura para os alunos?

Professores leitores sabem encantar seus alunos para a leitura, de forma quase natural. Confesso – e isso não é empáfia ou soberba de minha parte – confesso que nunca tive dificuldades em formar minhas filhas leitoras, ou em conseguir que meus alunos lessem. Em meu “O CLUBE DO LIVRO – Ser leitor, que diferença faz?”, da Editora Globo, há o relato de uma experiência de leitura, realizada por mim em uma escola pública, o Liceu Nilo Peçanha, em Niterói, em que os alunos liam um mínimo de 20 livros ao ano. Mas as turmas de 1987 leram entre 50 e 70 livros naquele ano. E no livro estão também 24 depoimentos desses ex-alunos, que tiveram enorme ascensão social graças àquela leitura. São hoje excelentes leitores, atuando em profissões como: fiscal de rendas, engenheiro químico da Coca-Cola em Resende, engenheiros químicos professores da UENF, defensor público, delegado da Polícia Federal, avaliador de patentes no INPI, professor e coordenador de cursos de pós-graduação no IBMEC, advogados com escritório próprio, psicóloga com doutorado na UFRJ, dentista em Icarai, etc. Agora, como incentivar o gosto e o hábito da leitura? Primeiramente dando o exemplo, sendo um espelho em que a criança e o jovem possam mirar-se! É preciso, primeiro, encantar-se com a literatura, deliciar-se no convívio com palavras e ideias de outros, para então conseguir encantar alguém. Só isso é capaz de pôr brilhos nos olhos de uma pessoa e palavras em sua boca que tenham o poder de cativar e contagiar o Outro, sejam filhos, netos ou alunos. A metodologia que dá resultado

é essa! Não conheço outra! Para mais detalhes, indico os livros “LEITURA & COLHEITA – Livros, leitura e formação de leitores”, da Vozes e “O CLUBE DO LIVRO”, da Globo. Na Estante Virtual podem ser encontrados por ótimo preço.

Vernaculum: Como é o trabalho de pesquisa na área de leitura? Há algum caminho para os iniciantes?

O caminho é pessoal e se faz no caminhar, mas segue sempre a mesma direção: LER, LER... e LER! Tenho lido, nos últimos dias, muitas avaliações dos cursistas acerca do meu curso a distância pelo CECIERJ, “Leitura e formação de leitores”. Inúmeros cursistas, praticamente todos, uns de forma mais enfática, outros de forma mais discreta, declaram que o curso superou suas expectativas e se dizem literalmente encantados, conquistados para a leitura, graças aos comentários e fragmentos de tão belos textos ali encontrados, etc. Você, Leonardo, foi cursista e, para dar a você uma resposta bem honesta e verdadeira, só posso lhe lançar um desafio: vá acompanhando, aula por aula, nas dez aulas do curso, inclusive nas propostas de atividades, quantos foram os livros anteriormente lidos por mim, apreciados com encantamento e ali comentados, citados, referidos, etc. Cada pessoa busca descobrir alguma coisa ao pesquisar leitura. Como o assunto entrou na moda, inclusive no meio acadêmico, há muitas pesquisas que se voltam a estudar como era a leitura no século tal, no momento x ou y. Outros tentam responder como era a leitura das mulheres, o que liam os homens, o que liam os jovens, etc. Acho que existe até quem estude como se devem ler bulas de remédio ou listas de ingredientes em receitas de comida! Confesso que essa historiografia sobre a leitura pouco me interessa. O que busco é mudar o país, é mudar a escola, é ajudar a construir um país leitor, uma escola em que as crianças e jovens aprendam naturalmente a escrever sua própria língua, por terem criado uma longa e estreita intimidade com ela, em páginas e mais páginas lidas. Duas coisas aprendi. Primeira: o texto que melhor se presta à formação de leitores é o texto literário, justamente por seu poder encantatório, por sua beleza e criatividade, pelo olhar inédito, inaugural do escritor sobre o mundo, que, muitas vezes nos surpreende e pensamos como ele foi capaz de ver o que antes nem desconfiávamos. Segunda: para se formar um leitor, essa pessoa precisa ser sujeito de suas escolhas. Não funciona obrigarmos 40 jovens de uma classe ou 10 classes de um mesmo ano escolar a ler o mesmo livro. Veja: isso é de uma pobreza extrema! Se cada um tivesse

lido um livro e cada um pudesse falar do livro lido em classe – como acontecia em minhas aulas no Liceu – a motivação para a leitura nasceria, como nasceu, da interação entre pares. Ao ouvir um colega falar de forma entusiasta de um certo livro, muitos outros estudantes queriam lê-lo. O livro “Olga”, de Fernando Morais, tinha sempre 15 alunos na lista de espera, anotados no caderno da dona do livro. Cada aluno comprava um único livro e iam trocando, tendo de saída 40 opções de leitura, mas em setembro de 1987, quando lá estive o João Ubaldo Ribeiro, conversando sobre “Viva o povo brasileiro” – que com suas mais de 600 páginas, foi um dos livros lidos por muitos – numa das minhas turmas havia 156 livros circulando na sala, em outra 119 livros e na terceira turma havia noventa e tantos títulos. E era uma escola pública! Isso me levou a perceber que, no Brasil, o que falta não são livros; o que falta são leitores. Quando a demanda é criada, os livros aparecem, as pessoas descobrem onde encontrá-los. Minha expectativa era de que lessem um mínimo de 20 livros em um ano escolar. E, para uma atuação de excelência, que lessem 40 livros. Mas a própria literatura cativa, encanta e conquista! E assim muitos daqueles alunos chegaram a ler 70 livros em um ano escolar! Isso faz uma diferença extraordinária! Acho que a melhor pesquisa que se pode fazer, acerca de leitura, é colocar em prática projetos de leitura em sala de aula. E, como disse Orhan Pamuk, para construir nossa própria história e contá-la, “antes é preciso viajar pelas histórias e pelos livros de outros”. Hoje, no meio acadêmico, os estudantes querem escrever monografias sobre leitura sem ter lido ao menos meia dúzia de livros sobre o assunto e, o que é pior, sem ter nenhuma experiência de formação de leitores. Desde que chegou ao Brasil um dos primeiros livros sobre o assunto, nos anos 1970, “Como incentivar o hábito da leitura”, de Richard Bamberger, comprei logo três exemplares, dois para emprestar. E até hoje compro tudo que sai sobre o tema. Mas o que me dá realmente substância para minhas pesquisas são os livros de literatura, são as palavras dos mais renomados escritores, sejam elas criação literária ou memórias de sua formação.

Vernaculum: Que tipo de leitores temos no Ensino Fundamental? É diferente do público do Ensino Médio? E na graduação?

Serei breve, brevíssima: temos no fundamental, no ensino médio e nas graduações, inclusive nas licenciaturas e, pasmem-se!, inclusive nos cursos de Letras e Pedagogia,

leitores e não-leitores. Assim como temos analfabetos funcionais e gente que não sabe escrever nada, mesmo nas graduações! Isso depois dos 12 anos de gramática no fundamental e médio. Sem leitura, meu caro Leonardo, o sujeito capenga a vida inteira, colocando o acento indicador de crase em um “a” (preposição) que esteja **antes de palavra masculina**, ou sobre um solitário e singular “a” que antecede uma palavra feminina, **mas no plural**. Algo mais ou menos como isso, que vi recentemente em um livro escrito por um médico cardiologista, e que o revisor descuidado deixou passar: “Agradeço à todos que contribuíram para a existência deste livro.”

Vernaculum: O estímulo à leitura cabe somente nas aulas de português? Como as outras disciplinas contribuem para a formação do leitor?

“O CLUBE DO LIVRO – Ser leitor, que diferença faz?” tem quatro capítulos. O primeiro se subdivide em 9 itens onde abordo aspectos variados da questão da leitura, sendo o último item este: “Quem forma o professor leitor?”. É que me incomoda, e muito me preocupa ver professores saírem formados em Pedagogia, ou mesmo Letras e sem nenhum repertório de leitura para atuar no ensino fundamental. Veja: o ano começava, em minhas aulas, com uma ampla apresentação de 40, 50, 60 livros, romances, contos, ensaios, poesia, biografia, etc. para que os alunos pudessem se manifestar e escolher um deles para comprar. Eram livros que eu tinha lido, pela vida afora e tinha gostado muito. Um livro só entrava para a nossa proposta de leitura, quando a turma se interessava. Portanto, é indispensável que alguém, ao receber um diploma que lhe permite atuar como PROFESSOR, tenha ao menos um repertório de 50, 60 obras lidas que ele tenha apreciado, obras pelas quais tenha se encantado e que sejam adequados ao nível em que ele vai atuar. Os estudantes também podiam indicar livros e, caso a turma se interessasse, o livro entrava em nossa lista de leituras, que crescia o tempo todo. O segundo capítulo de “O CLUBE DO LIVRO” apresenta justamente uma proposta pedagógica transdisciplinar, para ser posta em prática de forma coletiva, no ensino médio, por professores de todas as disciplinas. Quem melhor que um professor de matemática para motivar os estudantes a ler “O INSTINTO MATEMÁTICO: por que você é um gênio da matemática (assim como lagostas, pássaros, gatos e cachorros)”. Ou, quem melhor que um professor de química para apresentar aos alunos, e estimular,

*com brilho nos olhos, a leitura de “O SONHO DE MENDELEIEV: a verdadeira história da química”? Nesse segundo capítulo, comento mais de 30 livros de divulgação científica, que por certo não foram escritos para se tornar leitura de especialistas, graduandos, mestrandos, doutorandos, mas que devem ser lidos por quem está descobrindo essas áreas do conhecimento. E isso se dá no ensino médio. É absolutamente indispensável que os professores, de qualquer área ou disciplina, sejam mediadores de leitura, estimulando seus alunos a descobrir e se interessar pelos livros de divulgação científica, livros que quase sempre apresentam o conhecimento de forma entusiasta, agradável, em linguagem ágil e jornalística. O terceiro capítulo do livro é o que conta a história da experiência com os alunos do Liceu Nilo Peçanha, de 1982 a 87, último ano em que trabalhei no ensino médio. E, por fim, o quarto capítulo apresenta minha tese: “Machado de Assis – A genialidade construída pela leitura”. Trata-se de um livro que defende a escrita/leitura como patrimônio incondicional da humanidade e especialmente dos professores. **Não ser leitor é totalmente incompatível com “ser professor”!** E, se olharmos a questão pelo prisma de Claparède, é também incompatível com “ser pai” ou “ser mãe”.*